

[ON](ME)ON] Ψ ALETHEIA, EM BUSCA DE UM CONCEITO DE EXISTÊNCIA NAS POLARIDADES HOMEM-MÁQUINA, CORPO-TECNOLOGIA

Luciene Bulhões Mattos*

RESUMO: *No mundo contemporâneo, as relações homem-máquina, corpo-tecnologia compreendem um processo denominado “hibridação” através da invasão dos recursos tecnológicos nas diversas áreas do conhecimento, sobretudo nas Ciências Médicas, na Educação e na Arte. Para entendê-lo, abordaremos questões referentes ao “imaginário” nas relações interdisciplinares que invadiram a vida cotidiana dessas áreas em suas novas estruturas e metodologias de manipulação da imagem. Entretanto o ser humano precisa organizar essas relações e verificar quais os conjuntos simbólicos que universalizam o pensamento contemporâneo, construindo ou desconstruindo o que é mítico e o que é científico, baseado nos seus precedentes histórico-científico-tecnológicos. Refletiremos sobre o desenvolvimento da inteligência humana, na polaridade homem-máquina por meio de uma dialogicidade entre o Ser e o Não-Ser, o sensível e o inteligível, o mítico e o científico, a ordem e o caos, o homem e a máquina, o corpo e as tecnologias na perspectiva do entendimento da complexidade dessas relações. Tentaremos responder às seguintes questões: Como conceber um conceito de existência no imaginário que subsiste nas polaridades homem-máquina, corpo-tecnologia em imagens visuais articuladas pelo sistema capitalista e (i)materializadas nas redes de tecnologias de informação e comunicação? Como o imaginário favorece a interpretação de “anomalias/patologias” nas imagens médicas? Tomaremos como parâmetros a obra de René Descartes - Regras para dirigir o espírito -, iniciando pela regra III; algumas considerações sobre o imaginário por Marilena Chauí e a influência determinante do pensador originário, Heráclito de Éfeso. Posteriormente buscaremos a Teoria Geral do Imaginário, de Gilbert Durand.*

Palavras-chave: Homem-máquina; Corpo-tecnologia; Filosofia da imagem.

INTRODUÇÃO

“Eu busco a mim mesmo”
Heráclito de Éfeso
Fragmento CVI

O fragmento escrito ou dito por Heráclito de Éfeso¹ declara o seu pensamento contemplativo do mundo de sua época. O fragmento instiga o homem contemporâneo a conhecer a sua própria natureza – humana, desumana, demasiado humana e pós-humana. Heráclito passará a nos provocar noutros fragmentos sobre uma voz, uma divina voz, a do oráculo, provando que o *lógos* humano pode estar à altura do “verdadeiro” *lógos*. Como já dissera em fragmentos, o *lógos* corresponde à *homologia*, porque a *homologia* é uma espécie de tradução da sabedoria. Essa busca de si mesmo é dada por meio dessa voz homologante. Assim, Heráclito defende essa busca como uma constante que possibilita a compreensão do lugar do homem na lógica de tudo. Fundamenta essa relação por meio da escuta. Uma escuta que é a do *lógos* e não a do simples e progressivo conhecimento. Um investigar fundante e possibilitador da *philosophia*, do ser

* Especialista em Metodologia do Ensino de Matemática. E-mail: lueta@ufba.br.

¹ Heráclito de Éfeso (c.544 a.C. – c.474 a.C.) é considerado um dos pensadores originários. Consta ter escrito uma obra denominada *Acerca da Natureza*, da qual restam apenas fragmentos conservados por autores posteriores a ele.

amante da sabedoria. Conclamando os homens ao que Costa (2002) denomina “empenho da homologia”, Heráclito aponta tanto o positivo quanto o negativo, fazendo-nos perceber a complexidade dos opostos e chama a atenção ao cuidado com a medida. Esse cuidado é para com a ignorância dos homens que extrapolam suas atenções ao conhecimento o qual não advém do *lógos* e, talvez, por isso, critique Tales e Pitágoras, dois matemáticos importantes de sua época. Para ele, afirmar a medida de algo é reconhecer aquilo que ele é.

É preciso não inflar a *hýbris* (CX): os homens não devem ser nem mais nem menos do que ‘amantes da sabedoria’. Isto significa: nem além nem aquém da *homología*, nem deuses, nem ignorantes, respectivamente (COSTA, 1999, p.253).

Daí, Heráclito ressaltar a importância da *hýbris* determinando-a como a medida de todas as coisas, afirmando que tudo tem o seu devido lugar. É ocupando os seus próprios espaços e observando suas próprias medidas, ou seja, sendo radicalmente aquilo que são, que os entes proporcionam a harmonia do conjunto ao conjugar suas diferenças: a alteridade de todos com relação a todos propicia a complementação de tudo, tal como na relação entre o sol e os demais astros. E o sol é importante para Heráclito porque está em todo lugar, sempre sendo*, ao alcance de todos. A inquietação de Heráclito conduz o nosso pensamento ao entendimento da existência mediante duas relações do ser e do ente: alhures e alteridade. Esses são os primeiros estágios para compreensão de si mesmo. Tentaremos entendê-las nas tensões das polaridades homem-máquina, corpo-tecnologia. No texto apresentado na VI SEMOC-2003, manifestamos a preocupação com o desenvolvimento de uma nova analogia sobre o corpo. Considerando o corpo mais do que “a coisa-corpo”, criticamos o corpo simulado. Afinal, o que se busca nessas novas relações com o corpo? Naquele momento, uma das preocupações foi apresentada da seguinte forma:

É necessário rever o discurso do desenvolvimento de novas linguagens que remontaram o mito da mutação contemporânea onde a autocriação da humanidade é dada através da reelaboração de objetos significantes e de coerções. Afinal, diz-se que: os signos, as linguagens plásticas, visuais, musicais, matemáticas etc., enriquecem, estendem e possibilitam a simulação mediante uma linguagem simbólica e um imaginário coletivo; que eles dão uma nova dimensão ao mundo e enfatizam o eterno, o divino e o ideal numa história (MATTOS, 2003, Anais-SEMOC).

O momento histórico e cultural marcado pelo exagero das linguagens visuais unido a uma retórica intensa, em especial aquelas relacionadas ao cinema de ficção científica, possibilitavam por digestão uma tentativa de resignificação de algo vivido. A idéia da possibilidade de uma mutação contemporânea humana condicionada à adaptação do homem à máquina e vice-versa gerava um sentimento de terror, já que havia uma herança científica conduzida pelos séculos XVII e XVIII a qual criticava e coibia uma tradição de épocas anteriores a ela, mas que, em seu lugar, inseria um pensamento mecanicista atribuindo ao homem uma indiferença aos aspectos sensíveis do humano. Seus intérpretes deram a essa teoria o sentido da busca de uma razão domesticada e radicalizada por um método, um abandono do sagrado e do espírito. Vale indagar como se concretizou essa aceitação de um pensamento mecanicista e se ela é fruto da teoria cartesiana ou de interpretações potencializadas dela. A nova concepção mecanicista já não é a máquina cartesiana em que a dualidade corpo-máquina servia de comparação para analogias ou experimentos que ajudavam a esclarecer anomalias ou patologias do corpo humano. Além de

* Heráclito usa o sempre sendo com demonstração de algo que tem movimento contínuo.



uma máquina tangível, ela é, também, imaginada. Alcança e une as dimensões do não-visível, do abstrato, tornando-os juntos e, essencialmente, possíveis de existir. Por isso essa nova máquina expõe a humanidade a perigos antes impensados e torna o conhecimento cada vez mais alienável e distante da sabedoria. Procuraremos identificar que os momentos dessa herança científica contribuíram para uma nova concepção do espírito ou da inteligência e como a apropriação desse pensamento e a manipulação da imagem, através de uma retórica intensa dessas idéias, modificaram o imaginário de nossa época.

Limites do corpo, escravidão da alma

Desde os primórdios, lá, quando o homem das cavernas já começava artesanalmente a fabricar a sua primeira ferramenta, podemos observar o interesse do homem em desenvolver suas habilidades de fazer a “coisa” existir. A pedra lascada tornara-se um símbolo da aplicação da inteligência humana e com isso o homem aprendera ainda mais sobre si. Com o passar do tempo, o surgimento de tribos, de aldeias, de grupos étnicos e de uma interdependência entre cultura e trabalho, cada vez mais intensa, exigiu a confecção de novos artefatos que possibilitassem novas qualidades de vida adaptadas a cada realidade. A mudança dos hábitos alimentares (das plantas e ervas à carne), a necessidade da confecção de roupas que seriam adaptadas ao corpo e ao novo clima e às mudanças de temperatura fariam do homem nômade um descobridor de si mesmo. Mas o homem não parou por aí. Precisava criar objetos que o tornasse mais ágil, mais nobre, mais tudo. Passou-se, então, pela invenção da roda, das charretes até o automóvel mais simples que conhecemos para que o homem satisfizesse sua necessidade de locomoção em plena velocidade. Enfim, a proliferação humana, o impulso em descobrir e conquistar novas terras propiciou o que chamamos de expansões marítimas as quais favoreceram a criação de tecnologias para a navegação e, assim, novas descobertas, novas necessidades que exigiam cada vez mais a confecção de novos artefatos. Daí surgiram máquinas para a indústria antes manufaturada, posteriormente, mecânica (newtoniana) até chegar ao computador e à brevidade de uma nova física, a física quântica. No início, o computador era uma máquina enorme que ocupava andares de prédios. Depois se tornou necessária a criação de computadores domésticos que fossem adaptados às necessidades da vida cotidiana, reduzindo o seu tamanho original ao espaço arquitetônico simples-doméstico e surgiu uma nova década, a do *desktopublishing*. A partir da nova caracterização do computador doméstico, a sociedade já ia percebendo o reducionismo que sofria todas as possibilidades que envolviam as tecnologias. E brevemente seriam vítimas de um outro fator identitário do mundo computacional, o determinismo que é designado por uma lógica adequada às linguagens de programação que fazem uma máquina funcionar e, no mundo contemporâneo, existir. Além disso, o determinismo influencia na modificação do pensamento porque instrumentaliza de maneira artificial uma forma de existência que, dessa vez, não é somente humana, é também a da máquina. Em nossa época, a tecnologia mais sensacionalista, em se tratando de um pragmatismo reducionista e determinista da inteligência, é a chamada rede de tecnologias de informação e comunicação. A maioria dos seus recursos acontece de forma (i)material na rede mundial de computadores popularmente conhecida como Internet. Essa forma (i)material provoca inquietações quanto à natureza desses objetos-artefatos produzidos pela lógica determinista e é essa natureza, esse modo de existência que tem seduzido a sociedade contemporânea. Porém a dedicação do homem à confecção de artefatos não ficou somente no mundo das fábulas, ou seja, a máquina substituiria o homem com promessas de eficácia. Desde a revolução industrial, com a produção em série, principalmente na indústria automobilística, e aí citaremos o fordismo que se destacava como uma nova metodologia (naquela época) para a linha de montagem, o homem passou a ter problemas em relação aos novos limites de suas relações com a máquina. O trabalho repetitivo, somado ao risco e exposição a acidentes, a má remuneração, que não assegurava o bem-estar nem do operário

nem da sua família, compuseram uma política trabalhista que anulava os direitos humanos e criava outras anormalidades na saúde humana. Por um lado, as tecnologias dinamizaram as ações humanas, por outro provocaram, do ponto de vista físico, mental, psicológico e social, a geração de anomalias e, na maioria, dos casos patologias à saúde humana as quais, até hoje, o homem luta para entendê-las. Mas é a mesma tecnologia que as gerou que no momento se volta para esse problema na busca incessante de uma existência humana ou pós-humana eterna. Para entendermos melhor esse desejo, precisaremos estudar a estrutura de algumas revoluções científicas, principalmente aquelas que propiciaram a criação de equipamentos, máquinas, objetos tecnológicos os quais intervieram no ser humano na forma de diagnóstico ou na intervenção no próprio corpo. Iniciaremos pela concepção filosófica do espírito científico através da descoberta dos Raios X, a qual desencadeou a criação desses novos objetos-instrumentos de leitura do corpo humano, principalmente os eletro-eletrônicos que interagem com as Ciências Médicas, a Educação e as Artes. Será que esses novos entes propiciaram uma revolução científica? Para Henry (1998, p. 13) “Revolução científica é o nome dado pelos historiadores da ciência ao período da história em que, de maneira questionável, os fundamentos conceituais, metodológicos e institucionais da ciência moderna foram assentados pela primeira vez”. O período preciso em questão varia, segundo o historiador, mas em geral afirma-se que o foco principal foi o século XVII, com períodos variados de montagem do cenário no século XVI e de consolidação no século XVIII. Este autor indica historiografia continuísta como delatora de um processo denominado whiggismo*, o qual funciona mais ou menos como julgar o passado em função do presente”. E faz uma comparação. “É quase como se quiséssemos dizer não apenas “aqui estão as origens da ciência moderna”, mas “aqui está o início da ciência atual” (HENRY, 1998, p. 14). Ressalta a importância do continuísmo como antídoto para essa tendência whiggista, tendendo a uma volta ao passado sem o compromisso desmedido com o presente. Demonstra que no conceito de uma revolução científica existe um reforço do whiggista, na palavra científica. Por quê? Ora, se o termo ciência, como tal, foi concebido no século XIX, então, no período moderno, ele não existia. Havia a “filosofia natural”, buscando explicar o mundo em sua totalidade. As tradições disciplinares envolviam a matemática (astronomia, óptica, a mecânica e a cinemática, música); a medicina (anatomia, fisiologia e farmacologia); as artes práticas (navegação, cartografia, fortificação, mineração, metalurgia e cirurgia). A união de algumas disciplinas com a filosofia natural poderia resultar em novas “ciências”. Foi isso que Galileu (cinemática e filosofia natural); René Descartes e a filosofia mecânica, procurando fundar a filosofia natural baseada nas certezas do raciocínio geométrico e Isaac Newton em seus princípios matemáticos. Abordaremos Descartes mais adiante.

Historicamente, três tem sido as principais concepções de ciência ou de idéias de cientificidade: o racionalista, cujo modelo de objetividade é a matemática; o empirista, que toma o modelo de objetividade da medicina grega e da história natural do século XVII; e o construtivista, cujo modelo de objetividade advém da idéia de razão como conhecimento aproximativo. (Chauí, 2001, p. 252).

É na confluência dessas três vertentes que compreendemos a descoberta dos Raios X. Segundo Martins (1997, p.02), no final de 1895, o engenheiro Wilhelm Conrad Röntgen²

* Ponto de vista historiográfico que julga a importância do passado à luz dos padrões, preocupações etc., atuais, ou que se ocupa apenas daqueles acontecimentos passados que obviamente parecem ter conduzido ao atual estado de coisas.

² Wilhelm Conrad Röntgen nasceu em 27 de março de 1845 em Lennep, província do Reno. Enquanto morava na Holanda estudou na Universidade de Utrech, depois em Zurich. Em 1866, diploma-se em Engenheiro. Em 1869 faz doutorado em Física tendo como primeiro tema para pesquisa o calor específico de gases. No ano seguinte, acompanhou August Eduard Ebenhardt Kundt à Wurzburg, Bavária. Quando seu orientador transferiu-se para



publicou a primeira descrição sobre uma nova forma de radiação, os raios X. Morava em Wurzburg e estava com 50 anos de idade. Recebeu o Prêmio Nobel por essa descoberta em 1901. A nova radiação era apresentada de forma experimental qualitativa. Existem controvérsias sobre a descoberta dos raios X por Röntgen, devido a pesquisas que cientistas teriam feito antes dele, contudo a pesquisa dele era de natureza experimental, propiciando certa confiança no resultado devido ao racionalismo, aos pressupostos teóricos e um trabalho sistemático com o objetivo de testar hipóteses e eliminar as dificuldades da observação. Publicou três artigos para descrever as descobertas, porém o primeiro artigo é o mais famoso porque descreve o contexto da descoberta acompanhada de uma tradução comentada do primeiro comunicado sobre os raios X. Supostamente, no final de janeiro de 1896, Röntgen deu uma entrevista ao jornalista Henry Dam, declarando que estava interessado em pesquisas sobre raios catódicos em tubos de vácuo, antes estudados por Hertz e Lenard. Até aquele momento, as experiências eram feitas, observando raios catódicos. Realizando uma experiência, percebeu, por acaso, um efeito estranho o qual mais tarde seria determinado de Raios X. Röntgen estava trabalhando com um tubo de Crookes coberto por uma blindagem de papelão preto. Um pedaço de papel com platino-cianeto de bário estava na mesa. Disparou uma corrente pelo tubo, notando o aparecimento de uma linha preta ou uma sombra produzida por um fio metálico entre o tubo e o papel. Resolveu investigar o fenômeno. Para Martins (1997, p.08), Röntgen foi guiado essencialmente por analogias e comparações entre o novo fenômeno e as propriedades de radiações conhecidas – luz, raios ultravioleta, raios catódicos, etc., considerados agentes físicos capazes de produzir fluorescência. Mas o que havia realmente era a passagem de raios com efeito luminescente de dentro do tubo para o invólucro e era instigante. Descobriu que os raios X eram capazes de sensibilizar chapas fotográficas. Concluiu que eles eram uma radiação eletromagnética invisível desconhecida, muito próximo aos raios catódicos. Pensou que eram raios luminosos longitudinais, mas sua natureza era própria de uma forma de existência invisível que permitia enxergar estruturas encobertas como o esqueleto humano (ver figura 1). Será que Röntgen utilizou algumas regras para dirigir seu espírito científico?

Figura 1 – radiografia feita por Röntgen, em 1895.



Fonte: Revista Brasileira do Ensino de Física



Pressupostos histórico-filosóficos

No século XVII, na França e na Inglaterra, opuseram-se ao absolutismo dos reis e ao misticismo religiosos e difundiram um conjunto de idéias que caracterizaram o movimento iluminista. Sua principal característica era a valorização da ciência e da racionalidade como forma de eliminar a ignorância dos seres humanos acerca da natureza vida e da vida em sociedade. Essa suposta ignorância advinha da tradição, do fanatismo e das crenças religiosas. Iluminismo, Ilustração ou Século das Luzes, este momento, na história da ciência e da filosofia, manifestou-se inicialmente na filosofia e, posteriormente, na política porque destacara a importância dos direitos do indivíduo e do combate às arbitrariedades dos governos absolutos, na economia, na arte e na literatura. Os iluministas tinham como objetivo livrar os seres humanos das trevas da ignorância valorizando a razão (racionalismo) e o conhecimento da verdade, porque, desta forma, achava-se o caminho da conquista da liberdade e da autonomia intelectual. O racionalismo já se manifestara na Europa desde o Renascimento (séculos XV e XVI), através do humanismo. E assim, os renascentistas reestabeleceram a importância da observação e da investigação na produção do conhecimento como base do desenvolvimento racionalista. Os pensadores Francis Bacon, René Descartes e John Locke ampliaram a concepção renascentista. Dentre eles, René Descartes, um racionalista e admirador da aritmética e da geometria – ciências matemáticas de grande destaque naquele século – é o que mais se destacou no estudo da relação corpo-máquina; criou um método destinado a bem conduzir a sua razão; estabeleceu 31 regras para dirigir o espírito; propôs uma união substancial entre o corpo e a alma, etc. Nasceu no final do século XVI. No século XVII, torna-se-á uma das maiores referências sobre estudos do homem, sendo bastante estudada até o seu ápice sistemático e pragmático no século XVIII, através das teorias científicas de Isaac Newton. Nesse período se consolidaram pelo menos quatro mecanismos que influenciaram uma idéia de existência: o racionalismo, o estruturalismo, o tecnicismo e o determinismo.

René Descartes e as Regras para direção do espírito

Sobre os objetos os quais se propõe o estudo, é preciso buscar não as opiniões dos outros ou suas próprias conjecturas, mas isso que se pode ver claramente, com evidência, ou deduzir com certeza (DESCARTES, Enunciado da Regra III).

Sob as luzes da razão, Descartes inicia seu texto, enfatizando a importância da leitura dos clássicos, a importância de compreender os seus signos, mas critica uma possível ambigüidade desses escritores, pois que ao mesmo tempo que demonstram a simplicidade de seus povos, tiram-lhe o mérito da invenção mesmo que em algum momento nos permitam o conhecimento da verdade. Tenta justificar sua insatisfação por essas literaturas, designando-as como de menoridade, possivelmente considerando maioria a dos matemáticos. E diz que, se nos detivermos em Platão e Aristóteles, concentraremos nossas atenções somente à história e não às ciências. Critica ainda a apreensão de coisas obscuras por esses sábios, o que gera uma certa incapacidade de solucionar problemas, além da mistura da fé com coisas verdadeiras e evidentes. Daí, Descartes introduz o que chama de atos da inteligência, os quais, segundo ele, não possibilitariam o risco de erro. Admite e define dois atos da inteligência: a intuição (intelectual) e a dedução (sistematização).

Eu entendo por intuição, não a crença ou o testemunho variável do sentido ou os julgamentos enganosos da imaginação, má regulação, mas a concepção de um

espírito são e atento, fácil e distinto de que ninguém duvida que não permanece sobre isso que nós compreendemos (DESCARTES, Regra III).

E demonstra uma preocupação pelo sentido que a escolástica deu à palavra intuição...

Ora, não é somente nas proposições, mas em toda espécie de raciocínio, que a intuição deve ter essa evidência e essa certeza. Assim, por exemplo, sendo dado esse resultado: dois e dois fazem a mesma coisa que três e um, não somente ele foi ver intuitivamente que dois e dois fazem quatro e que três e um também fazem quatro, mas ainda que a terceira proposição é a consequência necessária das duas outras (DESCARTES, Regra III).

E a justifica, conceituando dedução:

[...] eu acrescentei à intuição uma outra maneira de conhecer, que consiste na dedução, operação pela qual nós compreendemos todas as coisas que são a consequência necessária de certas outras das quais nós temos conhecimento certo (DESCARTES, Regra III).

Ilustrar sua apreciação pela busca dos princípios...

É assim que nós sabemos que o último anel de uma longa corrente é unido ao primeiro, bem como nós não podemos abraçar de um só golpe de vista todos os anéis intermediários que os unem, asseguro que nós o tenhamos percorrido sucessivamente, [...] depois o primeiro até o último, cada anel tem aquele que lhe precede e aquele que o segue (DESCARTES, Regra III).

E vai justificando...

Nós distinguimos portanto a indução da dedução certa, porque na dedução se conhece um movimento e uma certa sucesso, ao passo que na intuição ela não é a mesma e que na outra a dedução não tem necessidade, como a intuição, de uma evidência presente, mas que ela empreste de preferência, em qualquer nível, toda sua certeza à memória (DESCARTES, Regra III).

A partir daí, rejeita qualquer outra via de acesso à ciência. Todavia surpreende quando diz:

[...] isso contudo não nos impede de crer que as coisas que nos tenham sido reveladas por Deus são as mais certas de todos os nossos conhecimentos, porque a fé que se tem nelas, como em todas as coisas obscuras, é um ato não do espírito mas da vontade, e que, se ela tem um fundamento em nossa inteligência, é sobretudo por uma das vias já indicadas que se pode e que se deve trazê-la, como nós mostramos talvez mais amplamente algum dia (DESCARTES, Regra III).

Na introdução, perguntamos se a teoria era realmente mecanicista ou se pós-cartesianos a potencializaram. O que podemos dizer é que essa regra Descartes dirige seu espírito ou inteligência, procurando separar o entendimento do que chama intuição e dedução. Apesar de criticar a retórica de seus antecessores, não os exclui, apenas duvida de algumas de suas concepções. É necessário analisar o restante de sua teoria, evitando más interpretações ou



interpretações potencializadas, por isso começamos o estudo da obra de René Descartes pelas Regras para dirigir o espírito.

METODOLOGIAS

Para a leitura das obras de René Descartes, como primeiro critério de nossa metodologia de pesquisa, uma leitura do livro *Discours de la méthode*, original em francês, das *Règles pour la direction de l'esprit*, também em francês. Nosso segundo critério é enfatizar o pensamento de Descartes no contexto em que ele viveu. O terceiro tópico é dirigido às relações entre as conclusões de Descartes e suas posteriores aplicações ou releituras. O quarto critério refuta algumas das conclusões de interpretações pós-cartesianas no momento em que algumas delas estabeleceram leituras potenciais à sua obra e que seriam indevidamente empregadas pelos pós-cartesianos. Identificaremos algumas considerações de Descartes sobre o espírito científico ou a inteligência humana; Sobre diagnósticos por imagem, faremos um breve histórico sobre a descoberta dos raios X identificando momentos de entendimento do não-visível, além de consulta a teses e dissertações.

DESENVOLVIMENTO DO TEMA DO TRABALHO

A descoberta dos Raios X provou a existência de entes não-visíveis que possibilitaram ver o visível encoberto. A compreensão desses entes possibilita ver uma nova imagem do corpo humano, significando o entendimento de uma modalidade de existência. Para tentar entendê-la, precisamos fazer uma pequena reflexão de algumas indagações sobre o “existir”. Começaremos pela metafísica. Chauí (2001, p.380) diz que a metafísica é a investigação filosófica que gira em torno da questão: o que é? Nesses termos - o que é?- tem sentido do que “existe”, isto é, o que tem referência à uma existência da realidade. O outro sentido é dado enquanto “natureza própria de alguma coisa”, referindo-se a essência da realidade. A metafísica investiga os fundamentos, as causas, o ser íntimo de todas as coisas, fazendo perguntas como por que as coisas existem e por que elas são o que são. A metafísica teve seus períodos. **De Platão a Aristóteles (séc. IV e II a.C.) até David Hume (século XVIII d.C.)**. A metafísica investigou aquilo que é ou o que existe, ou seja, a realidade em si. Para tanto se baseia no conhecimento apriorístico, ou seja, nos puros conceitos formulados pelo pensamento puro ou pelo intelecto. Dessa forma, o conhecimento é sistemático, subordinado a uma inter-relação e interdependência entre os conceitos. Há uma distinção entre ser e parecer ser, entre realidade e aparência. A ruptura com essa interpretação da metafísica tem marco em David Hume que atribui os conceitos metafísicos não correspondem a uma realidade externa, determinando que tais conceitos são nomes gerais para coisas, que nos vêm pelo metal ou psíquico, associando as idéias às sensações, percepções, impressões de sentidos. **De Kant (século XVIII) até a fenomenologia de Husserl (século XX)**. A metafísica é tida como o conhecimento de nossa própria capacidade de conhecer a crítica (no sentido grego, estudo das condições de possibilidades do conhecimento verdadeiro) da razão pura teórica. A realidade é aquilo que existe para nós como sujeitos do conhecimento. O que existe para nós e é organizado pela nossa razão. **Metafísica ou ontologia contemporânea (anos 20 aos anos 70 do século XX)**. Afasta-se das concepções antigas de metafísica, incluindo a kantiana. Seu objeto passa a ser a relação originária mundo-homem, investigando como os seres e os entes existem. Uma espécie de busca da essência do sentido, ou seja, a sua significação, a estrutura dos entes e dos seres. Dessa forma, a ontologia torna-se uma metafísica descritiva porque não oferece uma explicação apriorística da realidade, interpreta racionalmente a lógica da realidade.



Após conhecer as três interpretações históricas da metafísica, chegamos à necessidade de entender como a linguagem foi estruturando o conceito de existência, pontuando os conceitos da filosofia herdada da sociedade grega, tentando encontrar indícios para uma concepção contemporânea de existência na relação homem-máquina, corpo-tecnologia, sem o esvaziamento da sabedoria.

On](me)On, a história de um conceito

A partir do século XVII, a metafísica marca uma nova condição da filosofia como aquela do sujeito do conhecimento. Como vimos antes, esse século é marcado pelo racionalismo. Porém perguntamos: Pode o nosso pensamento alcançar a realidade? Que realidade o pensamento apreende? O filósofo alemão, Jacobus Thomesius, empregara a palavra Ontologia no lugar de Metafísica, reunindo os termos *Onto* derivado de dois substantivos gregos e *logia* (ver Tabela 1).

Tabela 1 – Demonstrativo das derivações do verbo Ser, em grego.

Verbos	Equivalência
Ta onta	Os bens e as coisas realmente possuídas por alguém
Ta eonta	As coisas realmente existentes
Einai	Feminino do particípio presente do verbo ser
On	Sendo, ente
Ontos	Sendo, entes
Onta e eonta ↔ coisas	On ↔ Ente
To On ↔ O Ser	
(me) On ↔ Não-ser	

Fonte: CHAUI, Marilena. Convite à Filosofia.

Nesta interpretação, o Ser é o que é realmente e se opõe ao que parece ser, à aparência. Ontologia segue como o estudo ou conhecimento do Ser, dos entes ou das coisas tais como são em si mesmas, real e verdadeiramente. Aristóteles concebera a *Ousia* como a essência, algo que vem primeiro. Daí, o interesse em descobrir uma possível filosofia primeira como o estudo ou o conhecimento da essência das coisas, daquilo que elas são em si mesmas, apesar das aparências que possam ter e das mudanças que possam sofrer. De onde vem o conceito de metafísica como estudo do que está acima e além das coisas físicas e naturais? A Metafísica de Aristóteles definiu a filosofia primeira como investigadora dos primeiros princípios e das causas primeiras de todos os seres ou de todas as essências. A metafísica estuda o que vem antes de todos os outros, já que é a condição de todos eles. O ser como ser e o tratamento distinto da ciência da metafísica em relação à ciência da física, chamando-a de Filosofia primeira e também Ciência teológica (Met., 1025b 25). Definiu o *vir antes* como estar acima dos demais; além do que vem depois; ser superior ao que vem depois; ser a condição de existência; ser a condição do conhecimento que vem depois, ou seja, o que é condição e do conhecimento das coisas físicas ou naturais e fundamento de tudo o que existe e pode ser conhecido. A filosofia está para o ente inteligível, assim como a ciência empírica para o observável. A filosofia e, em especial, a metafísica perguntam pelo porquê (*quia*), pelo como, pelas razões, pela *quiddidade* (*quid sit*). Pode ser isto no livro IV da Metafísica:

Há uma ciência que estuda o ser enquanto ser, e os atributos que lhe pertencem essencialmente. Ela não se confunde com nenhuma das ciências ditas particulares porque nenhuma destas outras ciências considera em geral o ser

enquanto ser, mas tomando uma certa parte deste ser, somente se ocupam do estudo desta parte; tal é o caso das matemáticas (Met., 1003^a 20).

No primeiro plano, Aristóteles dividiu a realidade em quatro causas, duas intrínsecas (formal e material) e duas extrínsecas (eficiente e final). Com isso, ele fundamentou a divisão da metafísica em duas partes: a natureza do ser visto em si mesmo e a natureza do ser visto extrinsecamente. A Gnosiologia justifica o ser, caracterizando uma metafísica defensiva, permite ver o ser subjetivamente (enquanto se mostra ao ser cognoscente). A Ontologia esclarece completamente tudo o mais sobre o ser em si mesmo (metafísica ostensiva), permite ver o ser absolutamente. No segundo plano, tratou do ser visto extrinsecamente. A metafísica pergunta pela razão suficiente. As respostas são encontradas nas concepções monistas (panteísta e materialista) e dualistas ou teologia natural (Deus e o mundo). Para Aristóteles, todos os temas da metafísica reduzem-se ao mesmo objeto único e geral, o ser como ser. Apreciando a importância da questão sobre a razão última e que ele punha em Deus, denominou sua filosofia primeira também de teologia. Este nome está no contexto de teologia natural, porque se situa na base da filosofia e não de teologia sobrenatural, a qual cuida de revelações, que se crê terem sido feitas por Deus. Aristóteles considera a verdade como a proporção entre o conhecimento e o objeto conhecido. Essa proporção não exclui qualquer modalidade de conhecimento, sequer o sensitivo, como também quaisquer das operações mentais, conceito, juízo, raciocínio. É como se a verdade fosse uma adequação do intelecto com a alma (*adaequatio intellectus et rei*).

Alguns conceitos

Alethéia, uma concepção de verdade. Segundo Chauí (2001, p.99) “Emprego, significando não-oculto, não-escondido, não-disseminado. O verdadeiro se manifesta aos olhos do corpo e do espírito. A verdade enquanto manifestação daquilo que é ou existe tal como é. Refere-se aos que as coisas são. Desvelamento, desocultamento”. Heráclito que significa rememorar, voltar a saber.

Hibridação

s.f., ação que produz um híbrido pelo cruzamento de duas espécies diferentes do latim *híbrida* ou *hybridos*; gr. *Hýbris*, injúria, ultraje

adj., que provém de duas espécies diferentes (animal ou planta), que se afasta das leis naturais

gram., diz-se do vocábulo que se forma de radicais tirados de duas ou mais línguas diferentes;

fig., que participa de dois gêneros diferentes;

s.m.; planta, animal ou palavra híbrida.

De que maneira estes seres e entes aparecem e se estruturam em nossa consciência? Pela imaginação, pela percepção, pela memória, pela linguagem... Chauí (2001, p.130) aponta alguns elementos comuns ao entendimento da imaginação. Quando referida ao inexistente, pode ter graus, havendo falta ou excesso; como capacidade de elaborar mentalmente alguma coisa possível, que não existiu, podendo ter existido e, se não existe, poderá existir. Na vida cotidiana há dois sentidos para a palavra imaginação: uma imaginação criadora e uma imaginação reprodutora. Na tradição filosófica, foi priorizada a imaginação reprodutora em que a imagem era um vestígio advindo à percepção. “A imaginação seria, pois, diretamente reprodutora da percepção, no campo do conhecimento, e indiretamente reprodutora da percepção, no campo da fantasia” (Chauí, 2001, pág 132). Por isso consideravam a palavra imaginação como sinônimo de percepção. O que era percebido era a imagem das coisas. Porém essa interpretação tinha falhas quando da relação com o real já que existem diferenças de natureza e essência nessas terminologias. “[...] é próprio das imagens algo que suporíamos próprio apenas da ficção, isto é ,



isto é, as imagens são irrealis, quando comparadas ao que é imaginado através delas” (Chauí, 2001, pág 133). Essa imagem é irreal, todavia presentifica o ausente. Ou ela testemunha o irreal de alguma coisa existente, como um análogo das próprias coisas, ou ela é a criação de uma realidade imaginária em que sua forma de existência dá-se como imagem.

Na fenomenologia, quando esta aborda a consciência imaginativa a imaginação se torna uma forma de consciência diferente da percepção e da memória. O ato é o imaginar, o conteúdo é o objeto-imagem denominado imaginário. É a imaginação que possibilita a consciência a criar objetos imaginários. Mas existem modalidades de imaginação. Uma imaginação reprodutora (toma suas imagens da percepção e da memória); imaginação evocadora (presentifica o ausente através da afetividade); imaginação irrealizadora (torna ausente o presente possibilitando viver outra realidade como no sonho e no brinquedo); imaginação fabuladora ou religiosa (dos mitos e lendas tentam explicar a origem de todas as coisas, o presente e a morte com predominância de imagens simbólicas entre os oposto polarizados); a imaginação criadora (das artes, das ciências, das técnicas e da filosofia cria algo novo antes tido como imagem ou possibilidade de existência). A imaginação das artes, das ciências, das técnicas e da filosofia, para tornar-se criação ou invenção (uma tecnologia), precisa da percepção, da memória, das idéias inexistentes e da imaginação reprodutora bem como da evocadora. A imaginação como teoria do conhecimento oferece o risco da aquisição, da apropriação do conhecimento como verdadeiro mesmo quando auxilia o conhecimento da verdade.

Quando lemos relatos dos cientistas sobre suas pesquisas e investigações, com frequência eles se referem aos momentos em que tiveram que imaginar, isto é, criar pelo pensamento a imagem total ou completa do fenômeno pesquisado para, graças a ela, orientar os detalhes e pormenores da pesquisa concreta que realizavam. (Chauí, 2001 pág 135)

E acrescenta:

[...] o imaginário reprodutor opera com ilusões, enquanto a imaginação criadora e a imaginação utópica operam com a invenção do novo e da mudança, graças ao conhecimento crítico do presente (Chauí, 2001 pág 135).

CONCLUSÃO

A vivificação da alma (existir ou viver?)

Da condição da vida, do ser

Hipótese: Se a hibridação corpo-máquina tornou-se tangível, perceptível, verificável, etc., já no século XXI, isto significa que a nossa condição de existência é condicionada à presença da alma no corpo. Esta é determinante da vida humana e pós-humana*. Então, existir é apenas uma manifestação da alma na natureza humana. E o conhecimento dessa observação permite chegar à desejada verdade. Por meio da vontade, da intuição (sensível ou intelectual). A dedução na concepção cartesiana é apenas um dos instrumentos para bem conceber um método, portanto o rigor de um formalismo, algo que não pertence ao verdadeiro eu. Resta-nos saber como a alma concebe a vida e se dela se origina um outro personagem, o espírito.

[ON](ME)ON] Ψ ALETHEIA, ou seja, da dupla equivalência entre o Ser e o Não-Ser, surgem possibilidades de uma nova concepção de existência, híbrida às tensões das polaridades homem-máquina, corpo-tecnologia que possibilita o entendimento da união substancial, corpo e alma. Infere-se também que buscar a verdade não é o mesmo que buscar a si mesmo.

REFERÊNCIAS

ANAXIMANDRO, 610-547 a. C. **Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito**. Introdução Emmanuel Carneiro Leão; tradução Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

CHAÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2001, págs. 90-108, 131-135, 206-245, 247-261.

COSTA, Alexandre. **HERÁCLITO: fragmentos contextualizados**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

DESCARTES, R. **Obras de Descartes**. Paris: Librairie Joseph Gibert.

DICIONÁRIO virtual de etimologia. Portugal: PRIBERAM, 2003. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dicionario>>. Acesso em: 12 dez. 2003.

ENCICLOPÉDIA SIMPOZIO (Versão em Português do original em Esperanto) © Copyright 1997 Evaldo Pauli. O GRANDE ARISTÓTELES - CAP. 4. A METAFÍSICA DE ARISTÓTELES. Disponível em: <<http://www.simpozio.com> >. Acesso em: 21 jan. 2003.

GALERIA virtual de arte do Vale do Paraíba. São José dos Campos: Fundação Cultural Cassiano Ricardo, 1998. Apresenta reproduções virtuais de obras de artistas plásticos do Vale do Paraíba. Disponível em: <<http://www.virtualvale.com.br/galeria>>. Acesso em: 27 nov. 1998.

HENRY, John. **A revolução científica e as origens da ciência moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

HERACLITEA.COM - Paris. *Site francês sobre temas de filosofia. Texte écrit et déposé à la Société des Gens de Lettres (N°2001.11.0206) par Michael Paraire, spécialiste d'histoire de la philosophie, diplômé des Universités de Paris 4 et de Paris 1*. Disponível em: <http://www.heraclitea.com>. Acesso em: 01 jan 2003.

MARTINS, Roberto de A. Revista Brasileira do ensino de Física. **A descoberta dos raios x: o primeiro comunicado de Röntgen**, Campinas-SP, vol. 20, nº 4, dezembro, 1998.

MATTOS, Luciene B. A relação homem-máquina, corpo-tecnologia e realidade virtual. In: VI SEMOC – SEMANA DE MOBILIZAÇÃO CIENTÍFICA, 2003, Salvador-BA. Anais do evento.